

Ao Venerando Arcebispo, Senhor  
de Braga, Primaz das Espanhas,  
D. MANUEL VIEIRA DE MATTOS

O clero do Arciprestado  
de Barcellos

Frontespicio da mensagem do clero do arciprestado de Barcellos  
a S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz

(Desenho de Candido da Cunha)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA  
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo co-  
brador accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Numero avulso . . . . .	60



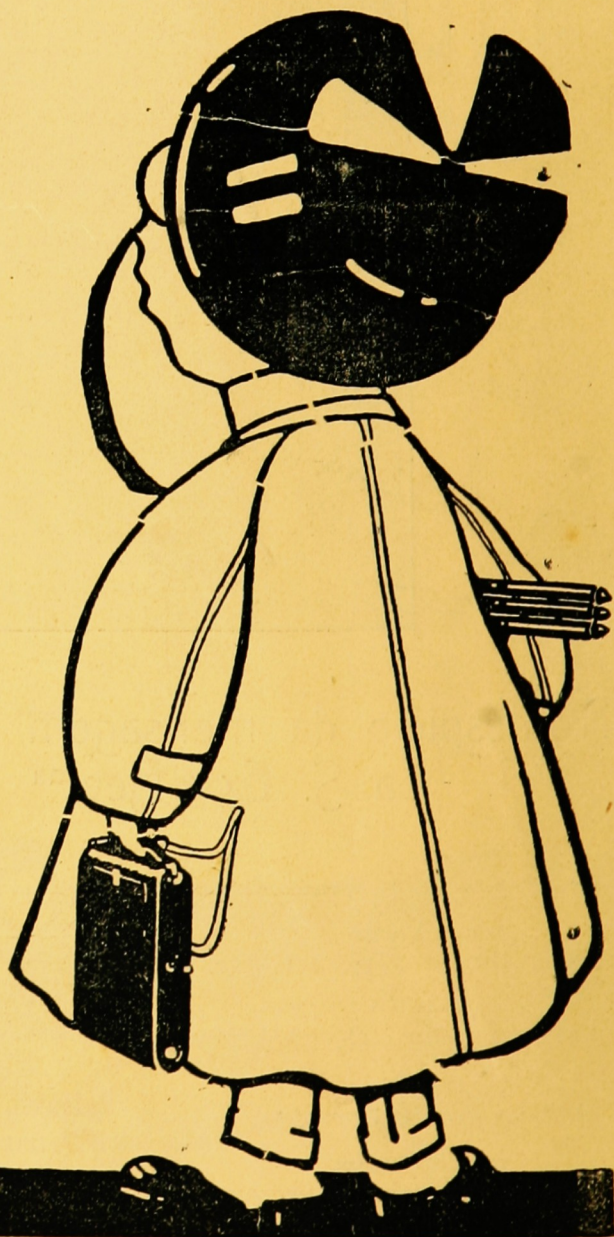
# Photo-Bazar

Deposito geral

Artigos fotograficos

Maquinas e accessorios:  
chapas, papeis e produtos,  
cartonagens e novidades.

— ■ —  
Praça da Liberdade, 99—PORTO



Peçam o nosso catalogo n.º 10





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 10 de abril de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 93—Anno II



A Resurreição do Senhor



# Chronica da Semana

CII

## A SERIO . . .

**A**LLELUIA! . . . Alleluia! . . . Da janella do meu quarto, que olha para o valle viridente e já cheio de sol, vejo subirem para o ar dezenas de foguetes, e chegam das aldeias circumjacentes o vozear do povo em festa, acompanhando o *Compasso*.

E eis o unico aspecto da Resurreição a que este anno assisti. Alleluia! Como esta palavra me diz bem que só a fé religiosa nos pode dar, a nós, os forçados da desillusão e da desesperança, aquelle festivo alento das confianças respirando no Deus de Ourique! E será essa, a de Deus, e só essa, a verdadeira Resurreição da Patria.

. . . Sem o cuidar, embora o facto viesse no elenco d'esta chronica, eis-nos cahidos na apreciação da constituição do Centro Catholico Portuguez, aggremação destinada a dar aos catholicos lusos, pela quarta vez, uma disciplinada organização politica, com o fim de, pelo exercicio dos direitos civicos, conquistar os direitos communs a todos os cidadãos que a demagogia proteiforme da republica roubou aos fieis.

Dizem as gazêtas que esta iniciativa recebeu o applauso de todos os catholicos de acção e, mais ainda, que vae ter a chancellia do Episcopado. Em face d'isto cumpre-nos subscrever com um *amen*, tanto mais que fomos dos observadores da inanidade quasi completa da passada tentativa nacionalista, boa demais para um povo analphabeto dominado por castas regalistas em que a sêde do poderio e a fome das commendas supria o *vacuo* dos cerebros,—e somos de ha muito abertamente partidarios do *programma minimo*, com absoluta independencia de opiniões politicas, nas organizações eleitoraes catholicas.

Mas agora, aturem os leitores algumas considerações de quem, em seis annos de trabalho, ficou conhecendo de sobejo, por dentro e por fóra, o que se passa no nosso campo.

Toda a obra catholica que em Portugal queira vingar, tem de afastar do numero dos seus collaboradores, aquelles rotinarios defensores dos preconceitos que no passado estagnaram, em festas espectaculosas e ôcas, a vida religiosa do paiz. Algures disse quem o sabia, que hoje, nós os ca-

tholicos, apenas deviamos querer d'esse tempo, verdadeiramente *ominoso*, as licções e os remorsos. e parece que avisado era tal conselho.

Ora uma das lições mais profundas que nos ficaram por herança, é a de que morrerá á nascença todo o esforço que não se sujeite ás direcções do Episcopado. Escusados são os exemplos. Salientemos sómente, que o Centro Catholico Portuguez, *para viver*, tem de ser directamente inspirado, nos seus principios e meios d'acção, pelos nossos Bispos. Quanto aos principios, sabemos nós que o Episcopado é pelo *programma minimo* e não pelo *partido*. Quanto aos meios d'acção, não é difficil afinar com o parecer de tão illustre collegio.

Domina-o a certeza de que se teem de abolir no campo catholico todos os personalismos. Trata-se de ideias e não de figuras, gordas ou magras, pequenas ou grandes, verbosas ou concentradas; e porque assim é, urge que o Centro Catholico não seja em beneficio da fama do snr. fulano, mas em proveito de todos. O contrario é arruina-lo sem remedio. Fartos de figuras andamos nós todos que no passado não analysamos bem quem trabalhava pelos catholicos e quem vivia á custa do trabalho dos catholicos.

Dentro do mesmo parecer, e consequencia d'estas ideias, reside a convicção precisa de que o catholicismo não está nem pode estar ligado a regimens politicos. Elle nada deve á monarchia extincta nem á republica que ahi temos, a não ser oppressões de toda a especie e maneira. E assim, tanto deve ser repellida pelos catholicos a captação evolucionista, como as negaças miguelistas e as seduções manue listas.

Isto, que á primeira vista, parece não passar além das raias da theoria, tem o alcance pratico de não permittir que qualquer, em nome dos catholicos, faça exploração no terreno das questões partidarias ou dymnasticas, no sentido de um determinado partido. E se estes pareceres do Episcopado forem respeitadas, não duvidamos de que os catholicos terão as funcções da espada de Brenno nos destinos do paiz.

Do contrario . . .

Ha dias, um amigo, rapaz cheio de talento e illustração, propunha-se fazer a sua adhesão á monarchia, n'uma carta muito bem escripta e melhor pensada em que as suas tradições de republicano militante eram rasgadas corajosa e altivamente, — quando estalou a questão dymnastica nas gazetas. A carta foi para o cesto dos papeis. Applaudimos o gesto. Era logico que não se publicasse, e logico era que não se escrevessem certos artigos das nossas folhas . . .

F. V.



# VIDA INTENSA



desmentido de Dato não desmente... coisa nenhuma. De resto, a linguagem das chancellarias, diz sempre o contrario do que significa, e, se me não engano, foram mesmo os diplomatas, que iniciaram essa sciencia complicada, d'argucia e de manha, d'entender as entrelinhas.

Na vespera d'estallar o conflicto europeu, a Austria, a contas já com a mobilisação final, enviava á Servia uma nota amistosa com protocollares protestos de paz. Ora a Hespanha desmentiu a mobilisação, mas habilmente, velou ainda mais as suas intenções.

A gravidade da questão não está nos actos ostensivos do gabinete de Madrid e o que o Presidente do Conselho desmentiu e desmentiu protocollamente foi a mobilisação...

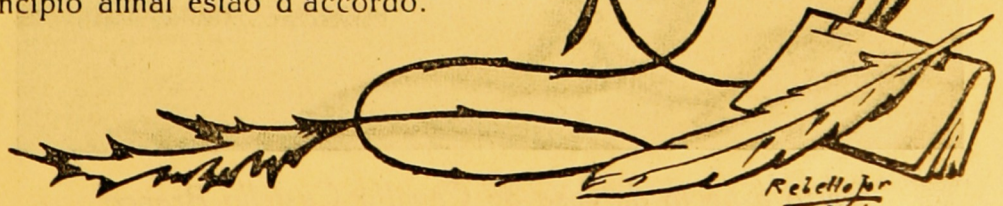
Entretanto a imprensa de Madrid e nomeadamente o *Imparcial*, considera a questão portugueza como um problema nacional e todo o seu esforço congrega-se no sentido, não d'indicar um caminho ao governo, mas d'aplanar-lhe o caminho perante a opinião. Evidentemente á Hespanha monarchica, não convem a anarchia portugueza, e a republica, deu já sobejas provas de que nas mãos da demagogia feroz da formiga ou nos braços conservadores do gabinete actual, só vive em anarchia plena. O que é a demagogia democratica? A anarchia feroz. O que é a dictadura actual? A anarchia nas leis.

D'um lado, as leis fomentando a anarchia; do outro, a anarchia das leis produziudo a confusão. Para viver, o general Pimenta de Castro poz-se fóra da lei... Affonso Costa, para se aguentar poz a lei fóra de casa. Em principio afinal estão d'accordo.



*A Aparição de Jesus em Emmaús*

(Quadro de C. Ofmann)





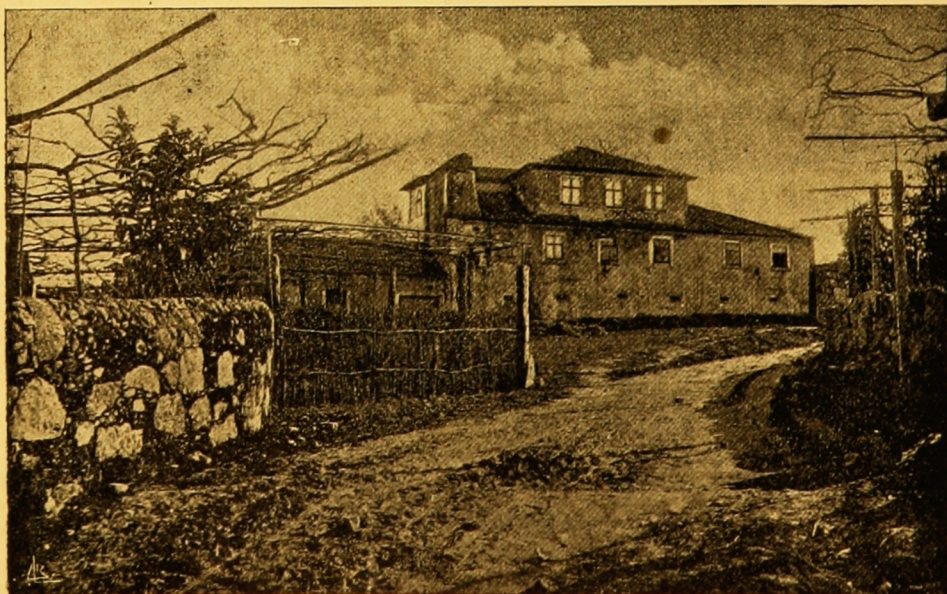
Os dois criterios, maus ou bons, conduzem á mesma conclusão de que a republica não pôde viver... E' porisso talvez, que a Hespanha oficialmente se mostra alheia da nossa situação. Mas no momento preciso saberá fazer-se valer.

Desvanecida a illusão de que a sua calculada neutralidade será paga com a restituição de Gibraltar, ella pretende Tanger com garantia d'uma base estrategica no Mediterraneo, onde tem interesses graves. Consentirá a França n'essa occupação?... A propria Inglaterra, senhora já da hegemonia dos mares, com uma base naval no Atlantico, com esse decantado triangulo que tem um dos vertices estrategicos em Gibraltar, sancionaria essa visinhança?

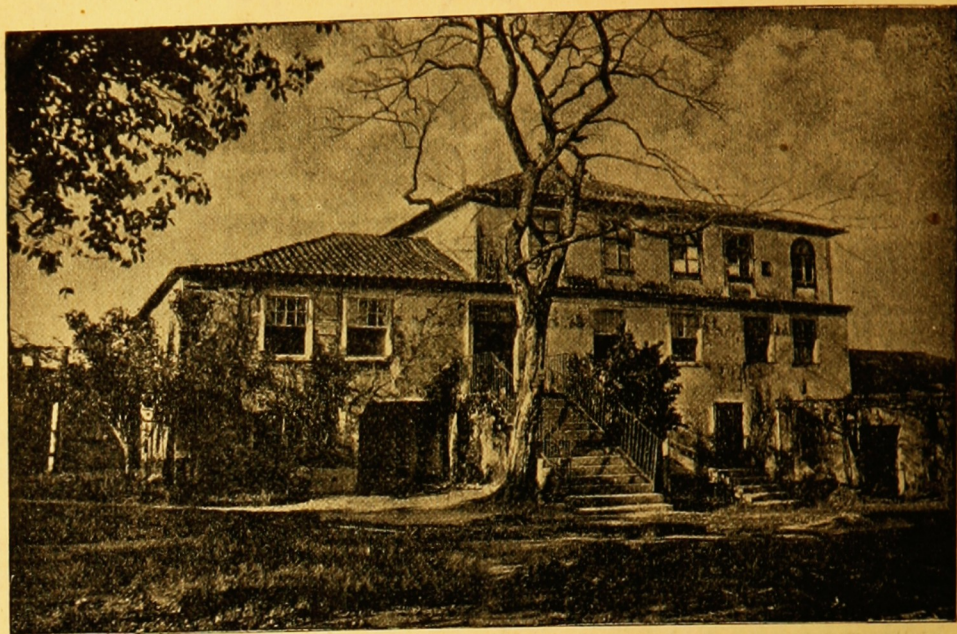
Então a Hespanha teria que agir energicamente mostrando ao mundo, que o accordo de Cartagena foi uma ficção de momento, e que os Pyreneus podem ser ainda o theatro de mais um episodio sangrento. N'esse caso, por um natural e instinctivo sentimento de defeza, a Hespanha não deixaria este canto de península á mercê dos adversarios.

Resumindo e concluindo: A republica não convem á Hespanha e ou nós accordamos de vez e a serio olhamos a situação ou a nossa visinha emballando-nos com a cantata dos desmentidos trata de si, e para si dispõe dos nossos destinos. Este é o problema peninsular que o snr. Vasconcellos, o *grande amigo de Hespanha*, no dizer pittoresco de Dato, com toda a sua aptidão professional não será capaz de fazer abortar...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

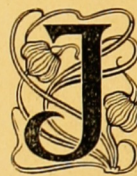


Outro aspecto da casa de Camillo Castello Branco



S. MIGUEL DE SEIDE—A casa de Camillo Castello Branco que ha pouco foi destruida por um violento incendio

## Contingencias da sorte



JOÃO Baptista Le Carpentier nascera de uns modestos lavradores. Empregara-se como amanuense de um escripto de Valognes. Mais tarde casou-se com uma pobre rapariga do campo e estabeleceu-se como procurador. O seu escriptorio depressa prosperou.

O *rabula* normando era intelligente, tenaz, bem fallante e sabia attrahir os clientes. Ha muita gente em quem o aprumo substitue lindamente o saber. Sem nenhuns conhecimentos de direito, tornara-se um homem de leis. Quando rebentou a Revolução, promoveram-no a official embora nunca tivesse sido soldado.

Os seus concidadãos, confiando nos seus meritos, elegeram-no chefe da Guarda Nacional. Para coroar a sua felicidade pronunciou numerosos discursos, arranjou o apoio de uma sociedade popular que fundara e fez uma guerra encarnizada aos padres e ás freiras. Em 1792, nomearam Le Carpentier deputado á Convenção Nacional. Partiu logo para Paris, levando sua mulher, camponia aturdida, e dois filhos: Virginia, que tinha dois annos, e Agostinho ainda de berço.

Era preciso distinguir-se na tumultuosa assembleia, e não era facil nem commodo. Havia já muitos nomes illustres e muitos talentos a absorver a attenção. Como se havia de tornar notado? De um modo muito simples. Tomou logar entre os avançados, entre Robespierre e



Marat, e, rato de cartorio provincial, tratou de se arvorar em energumeno. Quando deu o seu voto implacavel, por occasião do julgamento de Luiz XVI, manifestou a esperança de «que Antonieta, a digna companheira do tyranno recebesse a punição que lhe era devida», o que em janeiro de 1793 foi julgado um lanço excessivo n'aquelle leilão sinistro. Este voto, no emtanto, grangeou-lhe amigos, e, quando decor-



*S. MIGUEL DE SEIDE — Memoria commemorativa da visita do Antonio Feliciano de Castilho e Thomaz Ribeiro*

ridos tres mezes, a Convenção expediu para os departamentos missionarios incumbidos de levar o terror «a todos os defensores da tyrannia», designou para a Baixa Normandia Bourdon de l'Oise e Le Carpentier.

As suas duas expedições ficaram famosas e as recordações d'ellas ficaram vivas n'essas terras. O antigo procurador quiz mostrar-se aos seus compatriotas em toda a sua gloria. A sua entrada em Valognes foi triumphal. Varios patriotas foram ao seu encontro, na estrada, até muito longe. Le Carpentier apresentou-se n'uma berlinda puxada por quatro cavallos; ostentava-se alli como n'um throno, imponente e severo, com a cidadã sua esposa ao lado, rubra de alegria e de orgulho. A' entrada da cidade ouviu-se a mulher de Le Carpentier, macaqueando as rainhas de outr'ora, ordenar em voz alta:

—Vão mais de vagar, e baixem as vidraças da carruagem. Quero que o meu povo me veja á sua vontade e que eu o possa ver da mesma maneira.

É com gestos de soberana, enviava com a mão saudações protectoras á turba aparvalhada posta em linha á sua passagem. D'ahi por diante, salvas de artilharia, corôas de louros collocadas sobre a sua cabeça por jovens cidadãos, cortejos de creanças, discursos inflamados, escoltas de cavalleiros galopando á estribeira, tal é o atavio ordinario de Le Carpentier, ao passear a sua vaidade radiante n'uma localidade onde toda a gente o conheceu um salta-pocinhas.

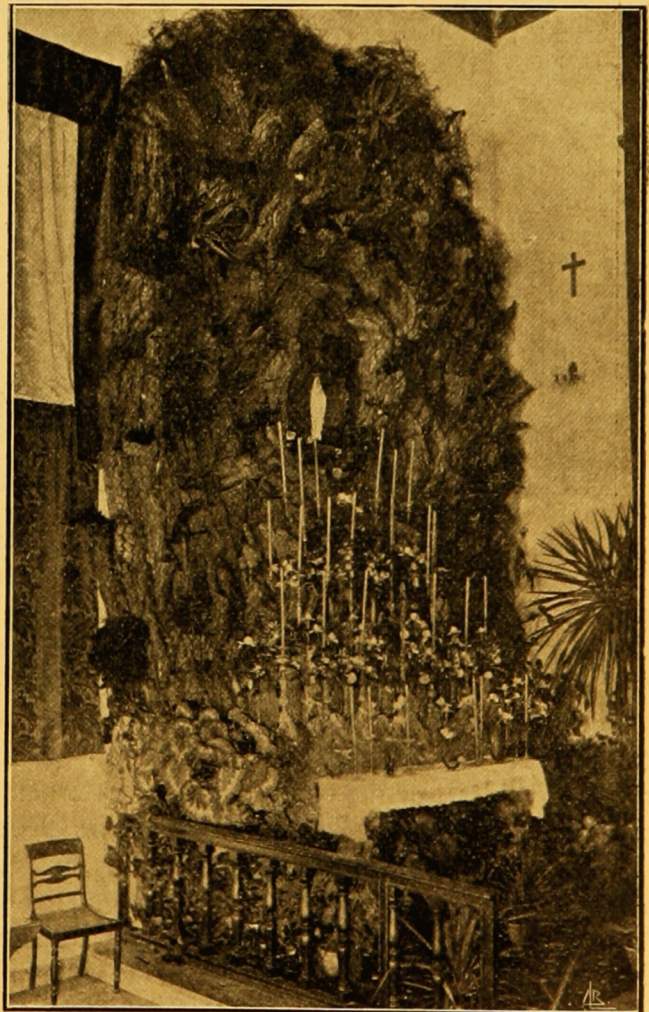
Que desforra!

\*  
\* \*

Em todas as cidades que atravessa, ergue-se o patibulo e os fuzilamentos succedem-se sem interrupção. Manda todos os dias para os tribunales revolucionarios uma fornada de suspeitos. Suspeitos de que?

—Um gesto, um só gesto me basta — proclama o proconsul.

Uma condessa é guilhotinada pelo crime de «ter no character alguma coisa de altivo e de imperioso que desagrada aos patriotas egualitarios.» Sonha com morticínios systematicos: «Cento e cincoenta ou duzentos cidadãos bastam para repovoar Valognes. Se alguma mãe ou alguma esposa se arrisca a pedir por um preso, diz com soberba:



*ILHA TERCEIRA (Açôres)—O altar da Virgem de Lourdes, no dia da sua festa, na igreja parochial de Belem*



—Tirem-me d'aqui esta mulher.

Adestram-se cães na caça aos rebeldes. As prisões regorgitam. Ha falta de logares no Mont-Saint-Michel onde se agglomeram trezentos padres, esfaimados, sem pão. Le Carpentier leva uma vida de sátrapa. Quando se annuncia a sua chegada a uma cidade, todos os habitantes, por ordem sua, mesmo os velhos e os doentes, são obrigados a correr ao seu encontro e a aclama-lo.

Entra em Coutances á luz dos archotes. Formam-lhe o cortejo cinco grandes carruagens e cincoenta e quatro cavalleiros. Caminham na cauda do sequito uma banda de musica e varias damas, entre as quaes a sua favorita, que se chama a grande-sacerdotisa e que já não é a cidadã Le Carpentier, deixada em Granville.

res semi-nuas, onde se esvaziam dois toneis de cidra e duzentas garrafas de vinhos requisitadas. Não inventamos nada do que acima se lê. Todos estes pormenores se encontram no livro do visconde de Bruchet intitulado *Le conventionnel J. B. Le Carpentier, 1759-1829*.

\*  
\* \*

À sangrenta orgia dura perto de um anno. Chamado á Convenção depois do 9 de thermidor, Le Carpentier apresenta-se alli arrogante. A acredita-lo, devera-se á sua energia os inglezes terem renunciado apoderar-se dos portos de Granville e de Saint-Malo. Mas da região que elle aterrorizara levanta-se um queixume



ILHA TERCEIRA (Açôres)—As creanças internadas no «Orphanato Bento João Baptista Machado» almoçando em casa do snr. Francisco Luiz de Freitas

Em Valognes, terra da sua naturalidade, onde se mostra de preferéncia, porque foi de lá que sahi pobre e amargurado, as ruas, por occasião da sua segunda visita, enfeitam-se de grinaldas e de arbustos verdes, exactamente como outr'ora para as festas do Corpo de Deus. A' esquina de cada rua descem corôas de louro sobre a sua frente. A sua casa assemelha-se a um altar do Sacramento. E' tal o medo que inspira que se prestam ao representante da Convenção honras divinas. Incensam-no até nas cerimonias publicas. Alojam-no nas mais bellas moradias, cujos donos são presos para lhe deixar o logar livre e, pela noite adiante, ha longos festins recreados pela presença de mulhe-

enorme contra o *ocarrasco da Mancha*. Toda a assembleia o renega; não encontra ninguem que defenda a sua causa. Decretada a accusação, é preso no prarial do anno III e conduzido ao castello de Taureau, velho e sinistro forte, isolado no meio do mar, na foz do rio de Morlaix. Encarceraram-no ahi após oito dias de jornada, acossado por vaias e maldições, e posto no segredo mais absoluto.

O mysterio de uma tal existencia é insondavel. Deve suppôr-se que a vaidade humana tem d'estes acessos ou que o advento subito ao poder soberano é, para certos cerebros, uma causa de demencia? Talvez. Como Lebon, como Carrier, Le Carpentier voltara da sua



missão inquieto, nervoso, doente, preso de uma sobreexcitação visinha da loucura.

Que faz na prisão? Reduzido á miseria mais completa, mal alimentado, os carcereiros viam-no, na parada da fortaleza, occupado durante o dia a remendar o fato. Transferiram-no para o castello de Brest, mais tarde veio uma amnistia geral e Le Carpentier obteve a liberdade.

Para onde ir? Pensou que contava em Valognes muitos amigos que talvez não o tivessem esquecido. Tomou o caminho da sua terra na-

5  
0  
0

mais tres filhos. Era preciso viver. Tentou inscrever-se no quadro dos advogados de Valognes; mas soffreu o vexame de se vêr quasi logo riscado—por fraude. O seu filho mais velho, Agostinho, servia na guarda do primeiro consul. Elle proprio, o antigo representante do povo, solicitou a sua admissão na policia imperial. A policia não o quiz. Durante os *Cem dias*, esperando levantar-se, adheriu publicamente ao imperio. No segundo regresso dos Bourbons, os antigos regicidas foram condemnados a sahir de França, e Le Carpentier teve que se exilar.



ILHA TERCEIRA (Açôres)—Um trecho da quinta do snr. Francisco Luiz de Freitas, nos arredores de Angra do Heroismo e um grupo de pessoas de familia, amigos do mesmo snr. e creanças do «Orphanato Bento João Baptista Machado»

(Clichés do dist. phot. am. snr. Antonio José Leite)

tal, só, a pé, pobremente vestido, envergonhado, escondendo-se com medo das invectivas e dos sarcasmos. Quando se acercou do seu berço natal, ninguem, d'essa vez, foi ao seu encontro. Nenhum tambor rufou; as ruas não se illuminaram nem enfeitaram com grinaldas. Reabriu o seu pequeno gabinete de negocios, mas os clientes eram raros. Formavam-se grupos em frente da casa, onde o apontavam como um espantalho e o apupavam. Recorreu aos soldados para o proteger. As auctoridades vigiavam-no; os seus menores passos eram expiados. Exforçou-se para que o esquecessem. Os annos passaram. Juntara-se-lhe sua mulher e nasceram

110  
□  
0

Projectou retirar-se para Inglaterra, mas o navio que o conduzia tocou em Guernesey. Ahi, logo que sabem da sua chegada, gritos, insultos acolhem o *carrasco da Mancha*. Acode-lhe uma força. Arranca-o ao alvôrto e condu-lo á residencia do governador da ilha, que o manda metter na cadeia. Le Carpentier pensa refugiar-se nos Estados Unidos; mas a recordação do seu proconsulado seguiu-lo-hia até lá; em parte nenhuma, na terra immensa, não poderá tor-





nar a encontrar um asylo e resolve voltar para França, onde, pelo menos, saberá esconder-se,

Desembarca de um barco carvoeiro, em Diélette, a 11 de março de 1816. Os gendarmes notam este homem andrajoso «muito magro, de mau aspecto», e interrogam-no. Dá um nome falso, mostra alguns papeis illegiveis; e fecham-no no calabouço. Foge de noite pela janella, e só então se sabe que o miseravel vagabundo era o antigo proconsul.

Procuram-no por toda a região... sem resultado. Só quinze dias depois assignalam a sua presença n'um casal «das bandas de Malendê». Põem-se em campo oito gendarmes de marinha e quarenta soldados, mas não descobrem nada. Alguns camponezes informam que



**BOM JESUS DO MONTE (Braga)**

*Os trabalhos de reparação no antigo elevador*

*Os operarios empregados no serviço de reparação n'um momento de descanso*

se avistara o *Caim moderno*, mendigando o seu pão, do lado de Vauville; descrevem assim o seu traje: «chapeu redondo, casaco azul, calça da mesma côr, polainas e sapatos ordinarios, uns alforges ás costas, e dentro, o volume de um merendeiro». Tal era o atavio do homem que vinte annos antes percorria essas mesmas estradas triumphante, escoltado por musicos e cortezãos, ao som de salvas e de philarmonicas.

Durante trez annos ninguem o encontra. Pensa-se que vivia nos bosques, só saindo de noite, sustentado por algum raro amigo fiel. Por fim, extenuado, no começo do inverno de 1819, teve que buscar asylo mais confortavel e afrouxa na prudencia. Apanham-no, deitado n'um forno, na aldeia de Teurleville, perto de Cherburgo. Na audiencia, em que compareceu, nenhum advogado consente em se encarregar da sua defeza. Incumbe-se elle proprio d'essa

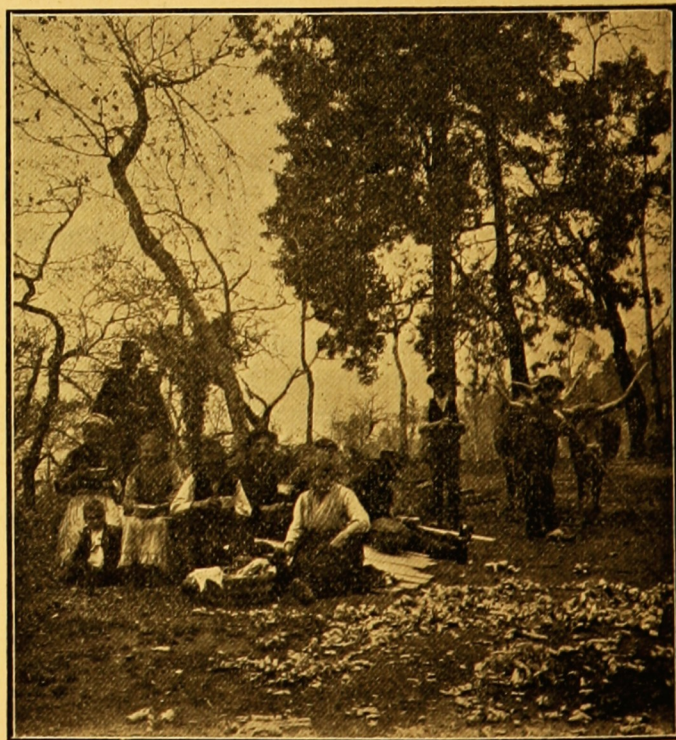


*Um aspecto da linha*

missão. Condemnam-no a prisão perpetua e levam-no para o Mont-Saint-Michel.

A principio o ex-membro da Convenção mostra-se altivo e indocil com os seus companheiros. Do alto da sua prisão, batida pelo vento do largo, o seu olhar descobre essa terra da Normandia e da Bretanha sobre a qual reinara como senhor. Mas breve renuncia á lucta. Tantas desditas acabrunharam-no.

Após alguns mezes de orgulhosa loucura, resigna-se e curva-se. Sua mulher desaparece; seus filhos dispersam-se; sua filha — que nascerá ao mesmo tempo que a sua *gloria* — a sua filha enlouqueceu; no seu delirio enaltecia a alta situação que seus paes tinham gosado outr'ora;



*Alguns operarios na hora da refeição*

(Clichés do dist. phot. am. Dr. Augusto Sinval)

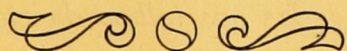


ornava a sua coifa de uma rozeta, cobria-se de rosarios, declarava-se bastante poderosa para fazer nomear um presidente da Republica. . . á sua escolha. Metteram a desditosa n'uma casa de alienados.

Le Carpentier na prisão, cantava canções realistas; a sua conducta era exemplar; dava aula aos garotos do Monte. Era um velho humilde e piedoso que se comprazia em fazer recitar cathecismo aos seus alumnos. Todas as manhãs acolitava o capellão á missa das almas, desempenhando-se com fervor das suas funcções de sachristão. Havia, porém, um dia, em que não apparecia na capella; era a 21 de janeiro, anniversario da morte de Luiz XVI. Encerrava-se na sua cellula, com os seus pensamentos, e quando passava a data fatal, voltava aos seus exercicios ordinarios de piedade. Morreu confessado e commungado, como um christão, a 27 de janeiro de 1829.

*Pelo extracto.*

EDUARDO DE NORONHA.



LAMEGO—Os snrs. Manuel d'Almeida, Rufino da Silva e João Teixeira Felix, tres modestos operarios e monarchicos dedicados que muito tem soffrido pelo seu ideal politico.



BRAGA — Grupo de negociantes de carnes verdes e respectivo pessoal tirado junto do Matadouro publico







BRAGA—Grupo de cortadores de carnes verdes, empregados nos talhos da cidade

(Clichés da Photographia Belleza)

## Fastos do Catholicismo



### Os terramotos italianos

Avezzano tinha em poucos annos chegado a ser uma cidade moderna. Ensoberbecida com o seu progresso tinha voltado as costas para Deus, Não podia seguir mais avante, dizia uma piedosa senhora. As festas do Senhor estavam profanadas com o trabalho e as diversões. Os sacerdotes clamavam que ao menos ouvissem Missa. Pouquissimos assistiam. A maior parte do povo não cumpria o preceito paschal. A blasphemia, o luxo immoderado, as diversões peccaminosas, tinham enchido de costumes perversos aquelle povo. O progresso material tinha-o feito esquecer a Deus. E Deus o chamou, primeiro com ameaças, depois com castigos. Os açambarcadores tinham feito subir escandalosamente o preço do grão. E,



O menino Raymundo Sanches Pinheiro

filho da Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Herculana Sanches Pinheiro e do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Clemente Pinheiro da Silva, natural de Curvos, (Espozende). Este menino recebeu a primeira communhão aos tres annos de idade com o conhecimento da doutrina christã, indispensavel para um acto tão solemne.

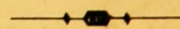
coincidencia terrivel! encontraram-se mortos junto dos seus celleiros.

A lição é eloquente! ensinanos a que resultados conduz o progresso sem Deus, que se preocupa só com o bem material.

### A boa imprensa

Sua Santidade enviou uma carta ao cardeal Maffi approvando a obra italiana da Boa Imprensa, da qual nomeou presidente de honra o mesmo cardeal. Na direcção trabalharão ainda alem do eminentissimo presidente os conselheiros que elle nomear, bem como os delegados diocesanos e parochiaes.

S. Santidade dignou-se mais publicar um decreto da Constituição da Obra que se propõe a diffusão dos periodicos e revistas catholicas.





## A Ressurreição

Consummou-se o deicidio. O corpo santo  
Do justo, pelos impios condemnado,  
Baixou á sepultura embalsamado  
E envolto em fino linho, amor e pranto.

Chega o terceiro dia. Com espanto,  
Vêem apparecer os guardas a seu lado  
Um anjo e abrir o tumulo sellado,  
D'onde sahira o Rabbi, qual mago encanto.

A certas almas, Deus tambem destina,  
No tumulo encerradas da illusão  
Pela mão da Impiedade atroz, ferina,

O triumphante vôo, da prisão.  
Acorda-as de Jesus a sã doutrina,  
E para a luz e o bem resurgirão.

Braga, 31-VI-915.

ELVIRA NEVES PEREIRA.

## PORTUGAL E O MAR

Quando nasceste, a voz asp'ra do Mar  
Rugia maldições na praia escura;  
No alem brumoso a tragica figura  
Do Horrivel negrejava, a ameaçar...

Um dia a vela branca da Aventura  
Uniu-se á tua vida p'ra noivar;  
E então a onda já mansa, a marulhar,  
Veio beijar-te os pés, toda doçura!

Levou-te nos seus braços com carinho  
E doida de paixão, em ancia ardente,  
A's paragens remotas do Oriente.

E hoje...  
— «Meu Portugal!» soluça em prece  
O Mar que anda á procura do teu ninho...  
... E passa junto a ti... e não te conhece!

Paredes de Coura.

TEIXEIRA PINTO.



# A Guerra Europeia



*Uma auto-metralhadora belga perseguindo uma patrulha alemã*



*Damas da Cruz Vermelha franceza na fronteira*



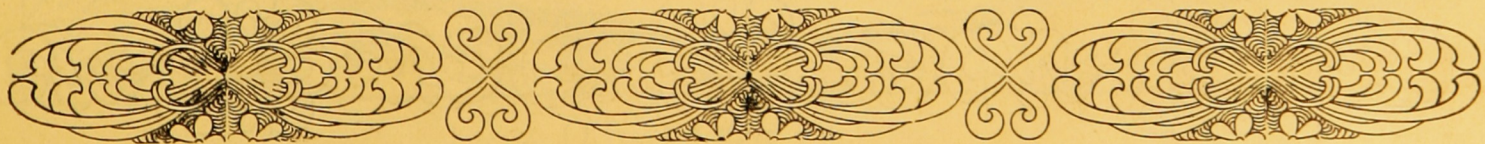




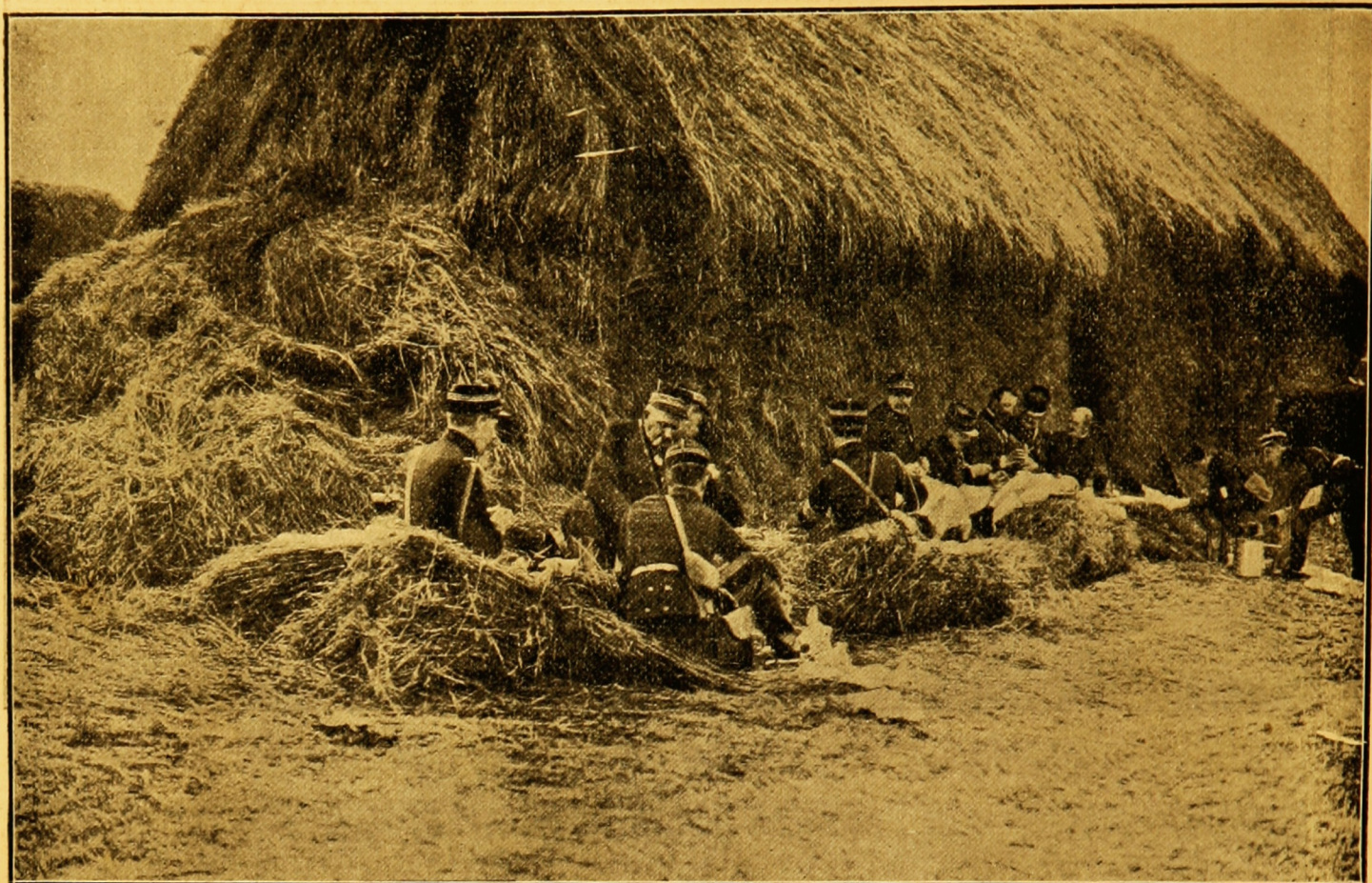
*Soldados francezes collocando uma peça em posição de fogo*



*Forno-estufa para a desinfecção das roupas no campo de prisioneiros em Guben (Allemanha)*



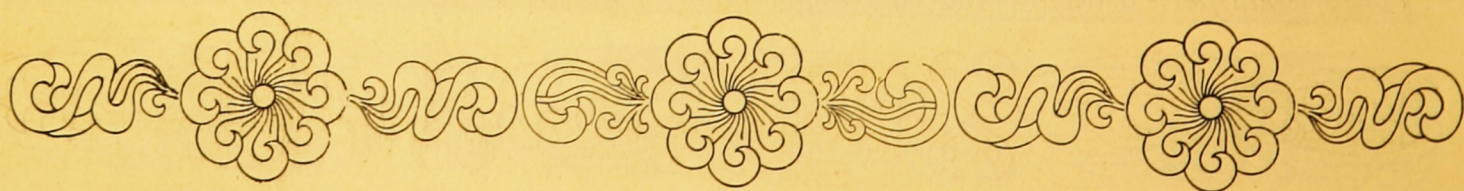




*Um grupo de officiaes francezes tomando uma refeição ao abrigo d'uma cabana*

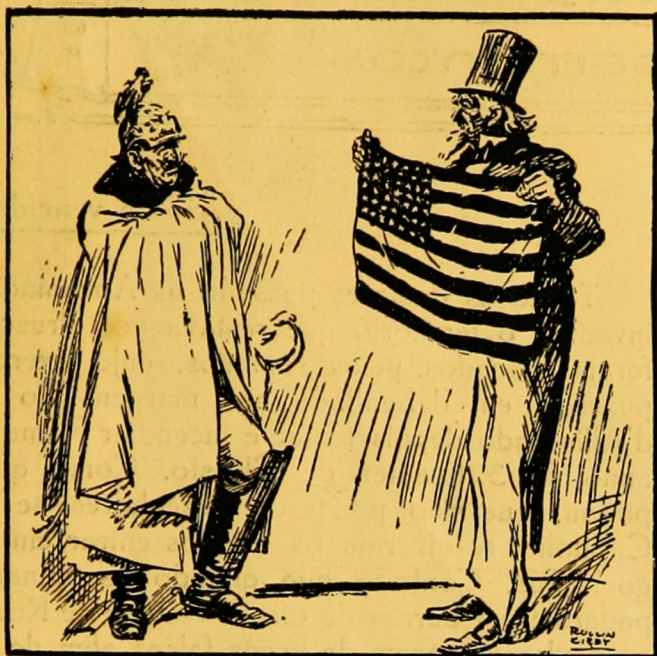


*Forças de infantaria ingleza fazendo a travessia d'um rio*



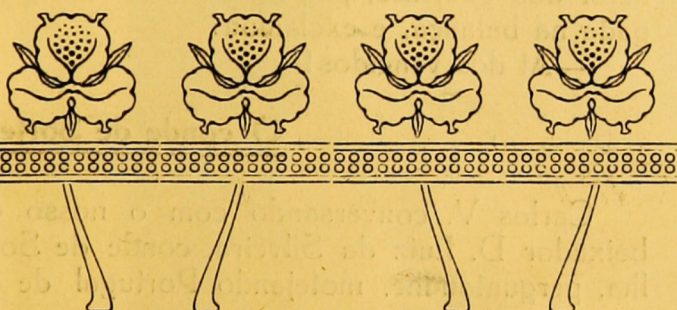


# Caricaturas internacionais da guerra



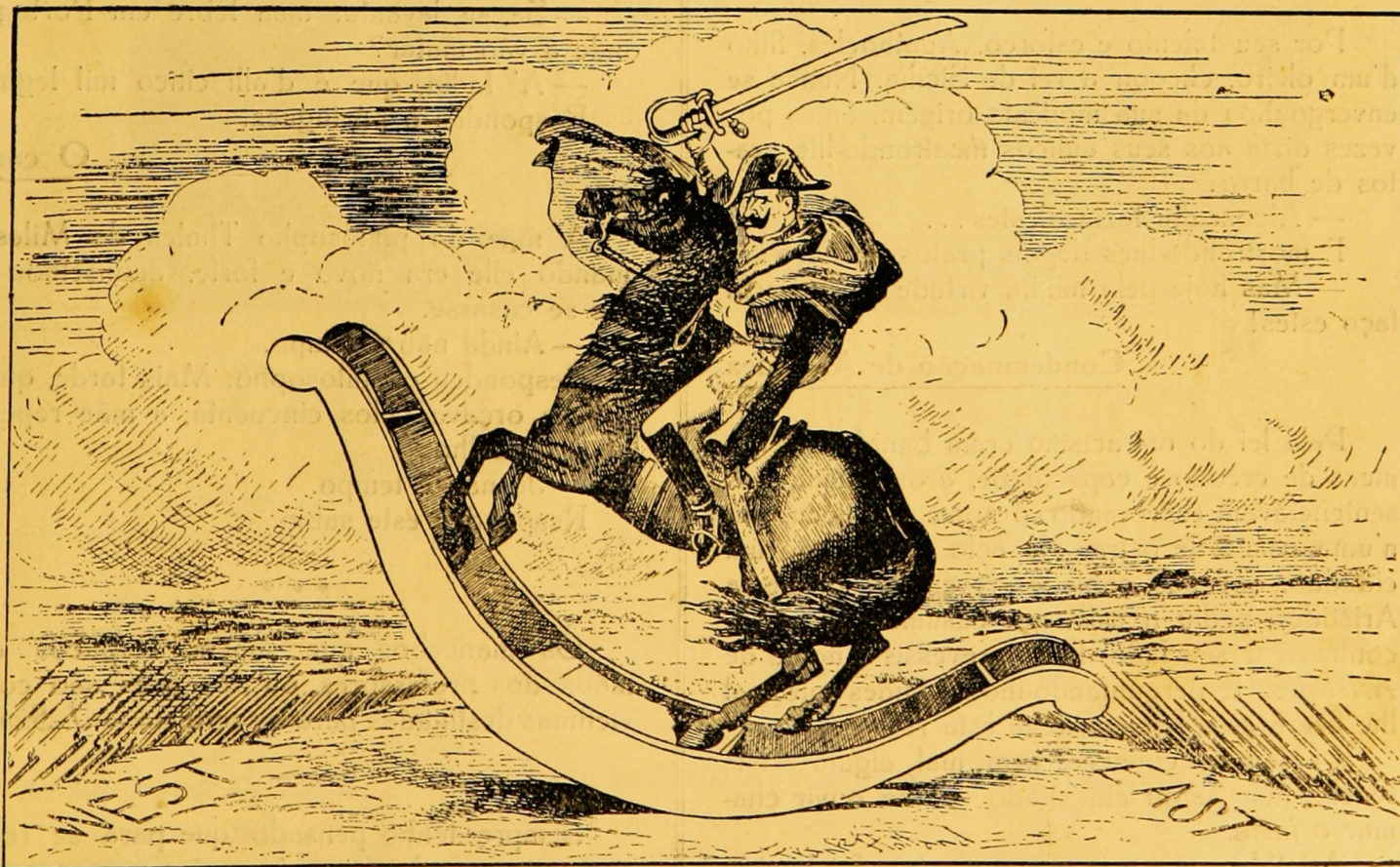
«Olha bem para ella, Guilherme!»

(Caricatura do *New York World* que mostra o sentimento do povo americano em face do bloqueio)



As bolas de sabão do Kaiser: a ameaça dos submarinos. Por traz do Kaiser estão a Inglaterra, a França e a Rússia destruindo as bolas.

(Do jornal inglês *Weekly Dispatch*)



O Kaiser entre baionetas

(Do jornal inglês *John Bull*)



# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos



rei hespanhol Philippe II, andando á caça, foi victima d'uma queda que tornou urgente a sangria. Os aulicos correram á aldeia mais proxima e trouxeram o primeiro sangrador que encontraram. O rei, arrecciando-se da pericia do esculapio, interrogou-o:

— Sabeis a quem ides sangrar?

— A um homem.

Respondeu serenamente o sangrador e operou sem mais rodeios. Gostou o rei da resposta e levou para a cõrte o medico da aldeia, que foi depois um cirurgião distincto.

### Verdugo dos maus

Tres vezes o philosopho Anaxillo recusou o governo da republica de Athenas, e deu esta razão:

— Antes quero ser servo dos bons, do que verdugo dos maus.

### Pratos de barro

Por seu talento e esforço, Agathocles, filho d'um oleiro, chegou a rei de Sicilia. Nunca se envergonhou da sua modesta origem, antes por vezes dizia aos seus aulicos mostrando-lhe pratos de barro:

— Algum dia fazia d'estes...

E mostrando-lhes depois pratos de ouro:

— Mas hoje pela minha virtude e diligencia faço estes!

### Condenação de Aristides

Pela lei do ostracismo eram banidos os homens de credito e capacidade, e os athenienses sentenciavam escrevendo o nome do accusado n'uma casca de ostra. No acto da votação um cidadão, que não sabia escrever nem conhecia Aristides, pediu a este, que casualmente se encontrava a seu lado, lhe escrevesse o nome de *Aristides*. E perguntando-lhe Aristides que mal lhe fizera esse homem, teve esta resposta:

— Nem o conheço, nem mal algum d'elle recebi, mas estou enfasiado de lhe ouvir chamar o *justo*.

Aristides escreveu o seu nome e foi banido de Athenas.

### O sangrador

### Ai dos vencidos!

Tendo os gaulezes passado os Apenninos e invadido o territorio que restava aos etruscos, foram atacados pelos romanos, cujo exercito puzeram em debandada nas margens do rio d'Allia, indo depois tomar e incendiar Roma no anno de 391 antes de Christo. Como quer, porém, que não podessem assenhorear-se do Capitolio, resolveram os sitiados entrar em negociações. Conta-se que, quando os romanos pagaram em barras de oiro o resgate de Roma, os gaulezes usaram de pesos falsos afim de augmentarem a somma que tinham a receber. Queixando-se d'isso os romanos, Brenno, o general dos gaulezes, poz mais a sua enorme espada na balança, e exclamou:

— Ai dos vencidos!

### O conde de Sortelha

Carlos V, conversando com o nosso embaixador D. Luiz da Silveira, conde de Sortelha, perguntou-lhe, motejando Portugal de pequeno:

— Se se levantar uma lebre em Portugal, onde a vão matar?

— A' India, que é d'alli cinco mil leguas. Respondeu o portuguez.

### O casar

A mãe do philosopho Thales de Milesio, quando elle era novo e forte, aconselhou-lhe que se casasse.

— Ainda não é tempo.

Respondeu o philosopho. Mais tarde, quando elle orçava pelos cincoenta, a mãe repetiu lhe o conselho.

— Já não é tempo.

Respondeu este sabio.

\*\*\*

Os mancebos que sahem scepticos das mãos dos professores ou dos paes são como victimas destinadas para o sacrificio.—*J. Simon*.

Sempre tenho pensado que para se reformar o genero humano é preciso começar pela reforma da educação.—*Leibnitz*.